

Série
Produtor Rural

nº 86



Plantas medicinais: babosas

Lindolpho Capellari Júnior
Giuseppe Righini

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
Divisão de Biblioteca

ISSN 1414-4530

Universidade de São Paulo - USP
Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - ESALQ
Divisão de Biblioteca - DIBD

Lindolpho Capellari Júnior¹
Giuseppe Righini²

¹ Prof. Dr. – Departamento de Ciências Biológicas – ESALQ/USP, Piracicaba, SP –
lcapella@usp.br

² Estudante de Engenharia Agrônômica - ESALQ/USP, Piracicaba, SP em 2022 –
giuseppe.righini2003@gmail.com

Plantas medicinais: babosas

Série Produtor Rural nº 86
DOI: 10.11606/9786587391694

Piracicaba
2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor - Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora - Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

Diretora - Profa. Dra. Thaís Maria Ferreira de Souza Vieira

Vice-diretor - Prof. Dr. Marcos Milan

DIVISÃO DE BIBLIOTECA - DIBD

Av. Pádua Dias, 11 - Caixa Postal 9

13418-900 - Piracicaba - SP

biblioteca.esalq@usp.br • www.esalq.usp.br/biblioteca

Revisão e edição Eliana Maria Garcia

Foto capa Lindolpho Capellari Jr.

Layout Capa José Adilson Milanêz

Editoração Maria Clarete Sarkis Hyppolito

Dados de Catalogação na Publicação

DIVISÃO DE BIBLIOTECA - DIBD/ESALQ/USP

Capellari Júnior, Lindolpho

Plantas medicinais: babosas [recurso eletrônico] / Lindolpho Capellari Júnior e Giuseppe Righini. - Piracicaba : ESALQ - Divisão de Biblioteca, 2025.

28 p. : il. (Série Produtor Rural, n. 86)

ISSN: 1414-4530

ISBN: 978-65-87391-69-4

DOI: 10.11606/9786587391694

1. Babosa 2. Plantas medicinais I. Righini, G. II. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Divisão de Biblioteca III. Título IV. Série

CDD 633.88

Elaborada por Maria Angela de Toledo Leme - CRB-8/3359

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ASPECTOS BOTÂNICOS	7
2.1 Classificação de <i>Aloe</i> e gêneros afins	7
2.2 Caracterização da Família Asphodelaceae	8
2.2.1 Subfamílias de Asphodelaceae e gêneros mais comuns	8
2.3 Caracterização do Gênero <i>Aloe</i>	12
2.3.1 Espécies ornamentais	12
2.3.2 Espécies medicinais em outros países	13
2.4 Informações gerais de <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	14
2.4.1 Distribuição geográfica	14
2.4.2 Caracterização morfológica	16
2.4.3 Propagação e cultivo	16
2.4.4 Uso etnobotânico	17
2.5 Informações gerais de <i>Aloe succotrina</i> Weston	18
2.5.1 Distribuição geográfica	19
2.5.2 Caracterização morfológica	19
2.5.3 Propagação e cultivo	20
2.5.4 Uso etnobotânico	20
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	25

1. INTRODUÇÃO

O uso de babosas, plantas do gênero *Aloe*, é milenar. Tabuletas de argila com escrita cuneiforme, feitas por sumérios e encontradas na Mesopotâmia, com data de 2110 a.C., trazem os primeiros registros dessas plantas como medicinais (Atherton, 1997).

No Egito, pinturas de folhas de babosa foram encontradas em diversas tumbas de faraós. Rainhas a utilizavam como gel, mistura da azeite balsâmico, para cuidados de pele e cabelo. Acredita-se que Nefertiti (ca. 1370 - 1330 a.C.) e, posteriormente, Cleópatra (69 - 30 a.C.) fizeram uso dessa mistura. É certo que a babosa foi usada por esta última rainha como parte de seu regime de beleza.

O papiro de Ebers (Biblioteca da Universidade de Leipzig, Alemanha) menciona o uso de babosa, conhecida como “planta da imortalidade”, pelos egípcios como elixires de longa vida, e este uso era feito através da preparação de suco em 1552 a.C., portanto, anterior à época de Nefertiti. Era ingrediente fundamental nos rituais funerários e de embalsamação, indicando que os egípcios já conheciam suas propriedades bactericidas e fungicidas.

Segundo a tradição oral, Alexandre, o Grande (356 - 323 a.C.) usou a babosa, durante conquistas de ilhas no Oceano Índico.

Persuadido por Aristóteles, conquistou a ilha de Socotra (lêmen) por conta de suas ri-

quezas naturais, mas principalmente pela babosa que seria utilizada para curar as feridas de seus soldados.

Há registros bíblicos que confirmam o uso da babosa, como em João 19:39-40, que fala sobre o embalsamamento do corpo de Jesus Cristo: “Ele estava acompanhado de Nicodemos, aquele que antes tinha visitado Jesus à noite. Nicodemos levou cerca de 34 Kg de uma mistura de mirra e aloe (babosa). Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro”.

A babosa é citada na “História Natural” de Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.) e em “De Materia Medica” de Dioscórides (40 – 90 d.C.), considerado o fundador da Farmacognosia, que fez referência ao cheiro forte e gosto amargo de *Aloe vera*, e seu uso no tratamento de irritações da pele, furúnculos e feridas (Haller, 1990).

Na Ayurveda ela é chamada de “kathalai” e considerada símbolo da capacidade da natureza de nutrir e curar. Há também combinações como a “Haridra Kumari”, uma pasta purificante que combina babosa e açafrão-da-índia (*Curcuma longa* L.), conhecida como “princesa de ouro”, uma fórmula nobre e de fácil acesso, usada para tratar problemas estomacais e intestinais, acne e eczemas, e diminuir inflamações. Também é detoxicante e atua como coadjuvante no tratamento de quem se alimenta de industrializados ou toma remédios de forma contínua.

Os fenícios, grandes mercadores marítimos da Antiguidade, levaram a babosa às regiões dominadas pelos romanos e à Ásia.

2.1 Classificação de *Aloe* e gêneros afins

O gênero *Aloe* e os gêneros mais próximos já migraram por diversas famílias de acordo com os diversos sistemas de classificação. No antigo Sistema de Adolph Engler, que apareceu em diversas versões durante quase um século (última versão: 1964), *Aloe* fazia parte da Família Liliaceae, juntamente com lírios e cebolas. Já nos anos 1980, com o Sistema de Arthur Cronquist, Liliaceae foi desmembrada em diversas famílias e a babosa (*Aloe*) foi colocada na nova família Aloeaceae (outros gêneros que mais tarde se uniriam a *Aloe* foram colocados em outras famílias).

Com a nova proposta de classificação de APG 1998 (The Angiosperm Phylogeny Group), *Aloe* é posicionado na Família Asphodelaceae. Em APG II (2003) o nome da Família (Asphodelaceae) é mantido. Em APG III (2009) a família passa a se chamar Xanthorrhoeaceae. Em APG IV (2016), *Aloe* volta para a Asphodelaceae, pois essa família já havia sido proposta por Antoine Laurent de Jussieu em 1789, enquanto Xanthorrhoeaceae, foi um nome elaborado em 1829, por Barthélemy Dumortier, portanto, posterior.

Essa complexidade taxonômica e todas essas alterações também têm a ver com a inclusão de outros gêneros na mesma família. Problemas taxonômicos esses, que não são pertinentes a este trabalho. O importante é sa-

ber que *Aloe* já esteve nas famílias: Liliaceae, Aloeaceae, Xanthorrhoeaceae e, atualmente, está em Asphodelaceae. Portanto, muitas publicações e plaquetas de identificação em coleções de plantas vivas não estão erradas, mas sim, de acordo com o período em que foram criadas.

2.2 Caracterização da Família Asphodelaceae

Esta família, segundo o Sistema APG IV de 2016, é composta por 39 - 41 gêneros, com cerca de 1.000 espécies, que ocorrem por todo o mundo. São ervas perenes rizomatosas, entouceiradas, arbustos, trepadeiras ou árvores paquicaules (do grego “*pachy*”, curto, e do latim “*caulis*”, caule), ramificadas ou não, com crescimento secundário anômalo. Raízes geralmente suculentas e às vezes espessas e tuberosas. Folhas dísticas ou dispostas em espiral, herbáceas ou suculentas, ou quebradiças, planas, em forma de “V”. Inflorescências terminais ou axilares, panículas variadamente ramificadas, racemos, ou raramente umbelas (*Tricoryne*), ou reduzidas a uma única flor; brácteas ausentes ou presentes. Flores bissexuais, actinomorfas ou zigomorfas; tépalas 6, livres ou ligeiramente fundidas em tubo na base; estames 6, livres ou fundidos basalmente com tépalas (epitépalos); gineceu tricarpelar, ovário súpero ou semi-ífero, 1 ou 3 locular; fruto baga, noz ou cápsula.

2.2.1 Subfamílias de Asphodelaceae e gêneros mais comuns

Asphodelaceae é uma família composta por três subfamílias: Asphodeloideae, Hemerocallidoideae e Xanthorrhoeoideae.

A Subfamília Xanthorrhoeoideae tem apenas o gênero *Xanthorrhoea*, com cerca de 28 espécies de plantas perenes, eretas e lenhosas, sendo todas da Austrália. *Xanthorrhoea resinosa* Pers. Foi observada e registrada em floração no Jardim Botânico de Munique.

Já a subfamília Hemerocallidoideae inclui 19 ou 20 gêneros e cerca de 85 espécies de plantas herbáceas, perenes, providas de curtos rizomas, das zonas temperadas e subtropicais da Eurásia, América do Sul, Malásia, Índia, África, Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico.

O nome *Hemerocallis* tem sua raiz no grego, significando “dia” e “beleza”, ou seja, “beleza de um dia”, fato que se refere à duração de apenas um dia de suas flores. Também são conhecidas como lírio-de-um-dia. Espécies desse gênero são comuns em nossos jardins; *Hemerocallis lilioasphodelus* L., outrora conhecida como *Hemerocallis flava* (L.) L., de flores amarelas é muito cultivada no Brasil, bem como *Hemerocallis fulva* (L.) L., com flores laranja. Também podem ser vistas cultivares (variedades melhoradas geneticamente) com flores de diversas colorações e às vezes com flores “dobradas”. Esses híbridos já foram denominados *Hemerocallis* × *hybrida* Bergmans, mas esse nome é considerado inválido pela Botânica. Cada cultivar tem seu nome adequado, como aquele apresentado na Figura 1 (*Hemerocallis* ‘Prairie Blue Eyes’). Há atualmente sociedades de pessoas admiradoras de *Hemerocallis*.

Também da subfamília Hemerocallidoideae são encontrados outros dois gêneros com espécies cultivadas no Brasil: *Phormium* e *Dianella*. O linho-da-nova-zelandia, também conhecido como espadana, fórmio ou harakeke em maori (*Phormium tenax* J.R.Forst. & G.Forst.) é bastante cultivado, incluindo suas cultivares de folhas avermelhadas ou variegadas. Na Nova Zelândia suas sementes torradas servem como substituto do café, a seiva da base das folhas é usada como alimento e as fibras das folhas são uma importante matéria-prima para a produção de tecidos e cordas, mas também para a produção de papel. Plantas da espécie *Dianella tasmanica* Hook.f., conhecidas como dionela, foram introduzidas nos jardins brasileiros há algumas décadas e fazem bastante su-

cesso, especialmente as de folhagem variegada.

Finalmente, a Subfamília Asphodeloideae agrupa cerca de 20 gêneros, em boa parte suculentas com folhas rosuladas, das regiões secas de clima mediterrânico e com centro de diversidade no sul da África. Abundantes em países mediterrâneos são *Asphodelus ramosus* L. e *Asphodeline lutea* (L.) Rchb., bastante importantes do ponto de vista taxonômico, pois baseado no gênero da primeira, vem o nome atual da família.

Nos jardins brasileiros pode ser encontrada, como forração, *Bulbine frutescens* (L.) Willd., com delicadas flores amarelas e laranja, ou totalmente amarelas. Na Região Sul do Brasil e em áreas subtropicais da Região Sudeste, pode ser encontrado em jardins o espetacular lírio-tocha: *Kniphofia uvaria* (L.) Oken. Como parte de plantas suculentas cultivadas por colecionadores estão espécies de *Haworthiopsis*, *Gasteria* e *Aloe*. Dentre essas se destacam *Haworthiopsis fasciata* (Willd.) G.D.Rowley, outrora nominada *Haworthia fasciata* (Willd.) Haw., conhecida como rabo-de-lagartixa e *Gasteria pillansii* Kensit, com folhas alternas dísticas e conhecida como gasteria. Sem dúvida, no entanto, o maior destaque desta subfamília fica por conta do gênero *Aloe*, com espécies cultivadas em vasos e em jardins, ora como cercas-vivas, ora compondo jardins com outras suculentas como cactáceas, euforbiáceas e apocináceas.



Figura 1 – Família Asphodelaceae: Subfamília Xanthorrhoeoideae (*Xanthorrhoea*); Subfamília Asphodeloideae (*Asphodelus*, *Asphodeline*, *Haworthiopsis*, *Gasteria*, *Bulbine* e *Kniphofia*); Subfamília Hemerocallidoideae (*Hemerocallis*, *Dianella* e *Phormium*).

2.3 Caracterização do Gênero *Aloe*

O gênero *Aloe* foi elaborado pelo botânico sueco Lineu (Carl Nilsson Linnæus 1707 – 1778) em 1753. Atualmente é constituído por 587 espécies aceitas, cuja distribuição se estende pela África Tropical e Sul da África, Madagascar, Jordânia, Península Arábica e Índia (Noroeste). *Aloe* é derivado do persa (هَيُولَا) e significa algo como “substância amarga e brilhante”.

A grande maioria das espécies de *Aloe* podem ser caracterizadas por caule arborescente, prostrado ou ereto, curto até muitos metros de altura; folhas rosuladas (em roseta), geralmente suculentas e carnosas, com margens e ápice espinescentes; inflorescências racemosas, geralmente ramificadas; flores completas, bissexuadas, zigomorfas, trimeras, dialipétalas, tubulares, brancas, amarelas ou vermelhas, seis estames, gineceu tricarpelar, ovário súpero, trilocular; fruto cápsula, polispérmica (muitas sementes).

2.3.1 Espécies ornamentais

Com suas folhas suculentas e floração exuberante, muitas espécies de *Aloe* são cultivadas como plantas ornamentais em jardins e vasos.

A partir de 2013, sete espécies de *Aloe*, com porte arborescente, passaram para o novo gênero *Aloidendron*. Desta forma a babosa-de-árvore, outrora *Aloe dichotoma* Masson, passou para *Aloidendron dichotomum* (Masson) Klopfer & Gideon F.Sm. E aqui vale ressaltar que o nome popular “babosa-de-árvore” é aplicado também para uma cordiácea (*Cordia superba* Cham.) e uma aráceia (*Philodendron martianum* Engl.). Essa babosa arborescente (*Aloidendron*) é raramente vista em jardins brasileiros.

Aqui são mais encontradas, cultivadas em jardins de plantas suculentas, *Aloe greatheadii* Schönland, *Aloe striata* Haw., *Aloe aculeata* Pole-Evans, *Aloe marlothii* A. Berger e *Aloe arborescens* Mill.

Esta última talvez seja a espécie ornamental de *Aloe* mais cultivada no Brasil. Conhecida como babosa-espada, forma cercas-vivas com cerca de 1,5 metro de altura, e possui folhas finas, arqueadas, com margens bastante espinescentes. Sua inflorescência muitas vezes a faz ser identificada como *A. succotrina*, cujas folhas são mais largas e muito parecidas com as de *A. vera*.

2.3.2 Espécies medicinais em outros países

De qualquer modo, o uso de plantas desse gênero como medicinais vem da Antiguidade. Na Ayurveda as babosas são denominadas “kathalai”, como dito anteriormente e esse nome se refere a *Aloe vera* (L.) Burm.f., especialmente. Essa espécie foi vista em cultivo no Jardim Botânico de Varanasi, na Índia. Porém, *Aloe greenii* C.Green ex Rob. foi observada em cultivo na coleção do Jardim de Plantas Medicinais de Darjeeling, Índia, portanto, deve ser importante na fitoterapia local.

Aloe maculata All. (outrora *Aloe saponaria* Haw.), a babosa-pintada ou babosa-listrada usada para tratar dermatites faciais e caspas, devido às suas propriedades anti-inflamatórias, além de observada em alguns jardins botânicos (Jardim Botânico Plantarum, Nova Odessa, SP, por exemplo), foi vista no comércio popular em alguns países sul-americanos como o Peru (Arequipa).

Aloe ferox Mill., observada em jardins residenciais em Pretória, África do Sul, foi fotografada, com outras espécies de *Aloe*, na coleção de plantas medicinais do “Kirstenbosch National Botanical Garden”, o jardim botânico da Cidade do Cabo, na África do Sul, onde é denominada “bitter aloe” (aloe amargo) ou “cap aloe” (aloe do cabo). É a espécie é mais usada naquele país, por seu efeito laxante e como uma aplicação tópica na pele, olhos e membranas mucosas. Estudos científicos conduzidos comprovaram muitos dos usos tradicionais.

A lista de espécies utilizadas como medicinais não para por aqui, porém, acredita-se que mais informações sobre outras espécies poderiam aumentar as confusões na identificação das espécies usadas e aprovadas no Brasil.

Aqui, apenas duas espécies são significativamente mais empregadas: *Aloe vera* (L.) Burm.f. e *Aloe succotrina* Weston, espécies muito similares vegetativamente, que se distinguem durante a floração.

2.4 Informações gerais de *Aloe vera* (L.) Burm.f.

O epíteto específico “*vera*”, significa verdadeiro ou genuíno.

Sinonímia: *Aloe perfoliata* var. *vera* L.; *Aloe barbadensis* Mill.; *Aloe barbadensis* var. *chinensis* Haw.; *Aloe chinensis* Loudon; *Aloe elongata* Murray; *Aloe flava* Pers.; *Aloe indica* Royle; *Aloe lanzae* Tod.; *Aloe littoralis* J.Koenig ex Baker; *Aloe maculata* Forssk.; *Aloe perfoliata* var. *barbadensis* (Mill.) Aiton; *Aloe rubescens* DC.; *Aloe variegata* Forssk.; *Aloe vera* var. *chinensis* (Loudon) Baker; *Aloe vera* var. *lanzae* Baker; *Aloe vera* var. *littoralis* J. Koenig ex Baker; *Aloe vulgaris* Lam.

Nomes Populares: aloé, babosa-grande, babosa-medicinal, babosa-amarela, erva-de-azebre, caraguatá-de jardim, erva-babosa.

2.4.1 Distribuição geográfica

A distribuição nativa desta espécie é incerta, segundo vários autores, e é geralmente reconhecido que a origem é Arábia, Somália ou Sudão. Porém, uma população recentemente descoberta de *Aloe vera* em Omã pode muito bem provar ser a única população nativa selvagem do mundo, por isso, o Kew Gardens afirma que a espécie é nativa das Montanhas Hajar do Norte de Omã, país árabe na costa sudeste da Península Arábica. Uma origem mediterrânea é frequentemente mencionada, mas provavelmente errada: é mais provável que seja do sudoeste da Península Arábica (Govaerts, 2017).

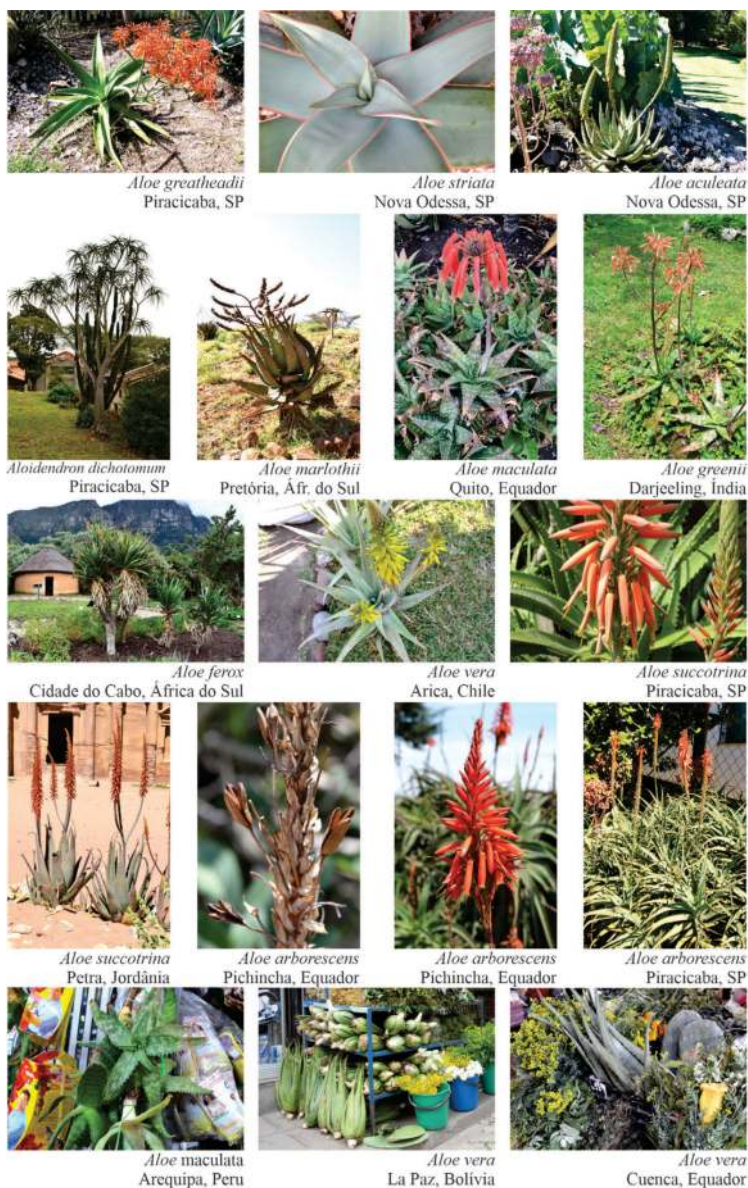


Figura 2 - Espécies de *Aloe* e *Aloidendron dichotomum*; comércio de babosas em mercados populares

2.4.2 Caracterização morfológica

Planta perene estolonífera, ereta, até 2,0 m de altura, latescente, látex amarelo; folhas rosuladas, glaucas, lanceoladas, suculentas, mucilaginosas, arqueadas, ápice agudo, margens espinescentes, bainha branca, pintalgadas e alternas dísticas na fase juvenil; inflorescência racemosa, às vezes bi a trifurcadas, escapo floral de até 1 m de altura; flores completas, trímeras, zigomorfas, bissexuadas, diclamídeas, homoclamídeas, mais ou menos tubulosas, horizontais quando fechadas e pendentes depois de abertas, 2 - 3 cm de comprimento, tépalas amarelo-claras, com nervura principal verde, pontas verdes, seis estames, gineceu tricarpetal, ovário súpero, trilocular; fruto cápsula, inúmeras sementes escuras e achatadas.

2.4.3 Propagação e cultivo

Esta babosa pode ser propagada, basicamente, por 5 processos. O primeiro é a propagação sexuada através de sementes, que, no Brasil é bastante complicada, uma vez que a espécie praticamente não frutifica aqui.

A propagação assexuada, portanto, é a recomendada e aqui, são 4 processos. Um deles, a micropropagação, feita em laboratórios, especialmente para espécies delicadas e de propagação difícil, não é aplicável, na prática, com as babosas. Restam a estaquia de folhas, a divisão de touceiras e a separação de rebentos laterais (perfilhos). A estaquia de folhas, apesar de possível, não é tão utilizada devido à baixa taxa de pegamento. Uma folha escolhida como estaquia deve ser deixada em local seco (por até duas semanas) para que ocorra a cicatrização do corte e a posterior não infecção da folha por patógenos do solo.

O ideal é a separação de rebentos ou brotações laterais, que são denominados perfilhos. Esses rebentos devem ter aproximadamen-

te um quinto do tamanho da planta mãe, pelo menos quatro folhas, e já possuem suas próprias raízes tornando seu pegamento quase de 100%.

A divisão de touceiras produz mudas mais vigorosas, porém, esse método é mais trabalhoso, pois parte da ideia de arrancar a planta toda e promover sua divisão em partes, separando-a em diversas plantas. As mudas preparadas por esse método já vêm com raízes e a formação de novas matrizes de babosa para extração de folhas é muito mais rápida.

A espécie requer plantio em área ensolarada, solos arenosos e livres de encharcamento. Bastante rústica essa babosa não requer cuidados com os tratos culturais.

O espaçamento recomendado é de 1 x 1 metro e uma prática muito comum, para impedir perda de nutrientes e evitar o aparecimento de ervas daninhas, é usar uma cobertura de palha de arroz em torno das plantas. A colheita é anual, antes do período chuvoso. O corte das folhas é realizado perifericamente na base da planta.

Atualmente, São Paulo, Santa Catarina e os estados do Nordeste se destacam como os principais produtores de babosa. Entretanto, como o volume de produção não supre a demanda, grande parte da babosa encontrada nos mercados é importada.

2.4.4 Uso etnobotânico

A característica mais marcante da babosa é revelada a partir de um corte transversal em suas folhas. Logo abaixo da epiderme, exsuda uma substância amarga e amarela, o látex, rico em compostos fenólicos com poderosas propriedades laxantes.

Já o interior da folha é preenchido, na sua totalidade, pelo parênquima tissular mucilaginoso, erroneamente denominado “gel” (que é um produto farmacêutico), um tecido de reserva de aspecto vítreo, brilhoso, espesso, gelatinoso, amargo, adstringente, muito forte e

refrescante. Esse tecido é composto por polissacarídeos (manose e glicose), taninos, esteroides, flavonoides, enzimas, lipídios, aminoácidos e vitaminas.

Tanto o látex como o tecido mucilaginoso (“gel”) constituem a matéria-prima para as indústrias farmacêutica cosmética e alimentar, sendo utilizados na medicina tradicional no combate de diversas enfermidades.

Aloe vera é amplamente conhecida na cultura popular por suas propriedades terapêuticas, possuindo em torno de 75 constituintes potencialmente ativos, entre os quais; vitaminas, aminoácidos, açúcares, minerais, enzimas, lignina, ácidos salicílicos e saponinas, e seus principais princípios ativos são; aloína, aloemodina, aloeferon, aloetina e barboladina. Estes são encontrados em grande parte na sua mucilagem, cuja utilidade constitui a base dos tratamentos relacionados à planta.

O uso medicinal infere-se a respeito de moléstias na epiderme (como queimaduras, feridas, picada de insetos, manchas senis, psoríase, secura na pele, dermatite, caspa e acne), hemorroida, gripe, anemia ferropriva, colite, hipertensão arterial sistêmica, reumatismo, insônia e queda capilar.

Isto se deve às propriedades cicatrizantes, anti-inflamatórias, anti-hemorragicas, antibacterianas, antirreumáticas, antimicóticas, antissépticas, anti-helmínticas, anti-hipertensivas, antianêmicas, antigripais, anticarcinogênicas e dilatadoras capilares.

Deve-se frisar que a ingestão de folhas com a “casca” (epiderme) pode ser fatal por conta de sua toxicidade.

2.5 Informações gerais de *Aloe succotrina* Weston

O epíteto específico *succotrina* vem das palavras do latim “*sucus*” (seiva) e “*citrinus*” (amarelo-limão).

Sinonimia: *Aloe perfoliata* var. *succotrina* (Weston) Aiton; *Aloe perfoliata* var. *purpurascens* Aiton; *Aloe purpurascens* (Aiton) Haw.; *Aloe sinuata* Willd.; *Aloe sinuata* Thunb.; *Aloe soccotorina* Schult. & Schult.f.; *Aloe soccotrina* Garsault; *Aloe succotrina* var. *purpurascens* (Aiton) Ker Gawl.; *Aloe succotrina* var. *saxigena* A.Berger; *Aloe vera* Mill.

Nomes Populares: aloé, babosa-vermelha, babosa-do-cabo, aloe-da-montanha.

2.5.1 Distribuição geográfica

Nativa nas Províncias do Cabo, na África do Sul. Essa região inclui as atuais províncias sul-africanas de Cabo Oriental, Cabo Setentrional e Cabo Ocidental, as quais em conjunto constituíam a maior parte da antiga Província do Cabo. Crescendo no alto das faces dos penhascos e afloramentos rochosos nas montanhas do Cabo Ocidental, esta é uma das espécies de *Aloe* dos fimbos, pequeno bioma de vegetação arbustiva, característico da África do Sul. Cresce em rochas e penhascos de arenito quartzítico das Montanhas do Cabo Fold, no extremo sudoeste do Cabo. Também cresce em penhascos íngremes, colinas e faces rochosas, sendo restritas às áreas da Península do Cabo, Hanglip e Hermanus. Em Hermanus, cresce em rochas costeiras. Em várias localidades, as plantas são encontradas crescendo sobre e entre pedras de arenito, do nível do mar até uma altitude de 900 m.

2.5.2 Caracterização morfológica

Planta perene estolonífera, ereta, cerca de 1 m (até 1,5 m) de altura, caules cobertos com os restos de folhas secas mais velhas, latescente, látex amarelo; folhas rosuladas, glaucas, lanceoladas, suculentas, mucilaginosas, arqueadas, ápice agudo, margens es-

pinescentes, bainha branca; inflorescência racemosa, às vezes bi a trifurcadas, escapo floral de até 1 m de altura; flores completas, trímeras, zigomorfas, bissexuadas, diclamídeas, homoclamídeas, mais ou menos tubulosas, eretas inicialmente e pendentes depois de abertas, cerca de 4 cm de comprimento, tépalas externas laranja-avermelhadas, tépalas internas mais amareladas, ambas com nervura principal verde e pontas verdes, seis estames, gineceu tricarpelar, ovário súpero, trilocular; fruto cápsula, inúmeras sementes escuras e achatadas.

Essa espécie é distinta de *Aloe vera* no momento da floração, pois suas flores têm cores diferentes. A cor roxa das folhas velhas é uma das características de *Aloe succotrina* que também ajuda a distingui-la das espécies de aparência semelhante.

2.5.3 Propagação e cultivo

Esta espécie é menos cultivada que a anterior, porém, se se deseja cultivá-la em escala comercial, pode se seguir as orientações fornecidas para *Aloe vera*, uma vez que são espécies muito parecidas em relação ao porte, às folhas e à composição química.

2.5.4 Uso etnobotânico

Também conhecida desde a antiguidade, *Aloe succotrina* contém altas concentrações de aloína em sua mucilagem, que, quando ingerida, entra em contato com o ar e com a temperatura do corpo, que possibilita sua transformação em emodina, cujo efeito laxativo é uma das principais propriedades medicinais da espécie. Além de sua ação catártica, ela proporciona alívio para cólicas intestinais, gases e diarreia.

Muitas vezes é usada externamente como substituta de *Aloe vera* por possuir as mesmas propriedades cicatrizantes, anti-infla-

matórias, antibacterianas, antimicóticas, antissépticas e dilatadoras capilares, assim sendo utilizada também para remediar queimaduras, feridas, picada de insetos, manchas senis, psoríase, secura na pele, dermatite, caspa, acne e queda capilar.

Os mesmos cuidados com a ingestão das folhas com a “casca” (epiderme) de *Aloe vera*, devem ser tomados com *Aloe succotrina*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a ANVISA proibiu o comércio de produtos de consumo à base de *Aloe vera*, porém existem empresas que conseguiram a liberação ao provarem que seus produtos não prejudicavam a saúde e tinham rigoroso processo de produção, estabilização e armazenamento, por meio dos estudos obtidos pelo Conselho Internacional de *Aloe vera*, ou IASC (The International Aloe Science Council). A Agência Internacional de Pesquisa em Câncer classifica o extrato da folha inteira como possivelmente cancerígeno, desde 2016.

Por outro lado, a ANVISA aprovou o uso de gel tópico para cicatrização, e uma boa receita da produção caseira desse gel é apresentada em Capellari e Guimarães (2022); gel (receita artesanal): bater no liquidificador 1 folha sem a casca por 1 min., aplicar 3 vezes ao dia, guardar na geladeira em frasco fervido e seco; tem validade de uma semana, que sobe para 1 mês, se forem acrescentadas 12 gotas de óleo essencial de lavanda.

Os mesmos autores falam sobre o uso de folhas frescas da seguinte maneira; consumo fresco: cortar a folha na base, escorrer a seiva amarela, lavar, retirar a casca, cortá-la em fatias finas e aplicar diretamente sobre a pele lesionada 3 vezes ao dia; conservar na geladeira por uma semana.

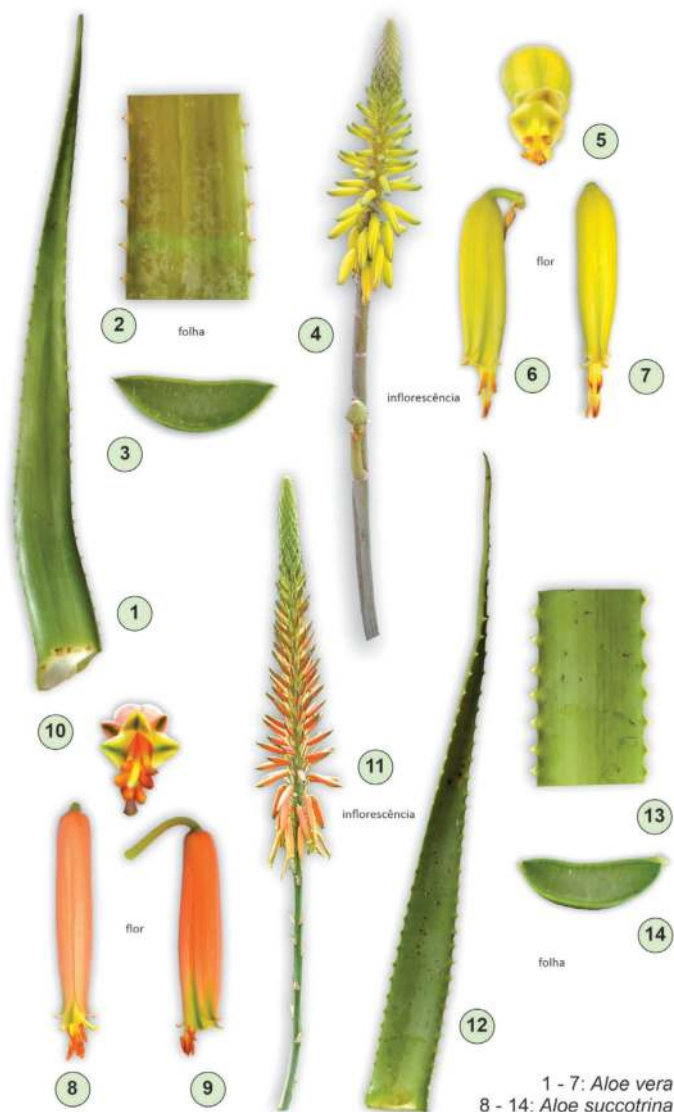


Figura 3 - Morfologia comparativa entre as duas espécies de Aloe (*Aloe vera* e *Aloe succotrina*) utilizadas como medicinais no Brasil

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Farmacopeia brasileira**. 6. ed. Brasília, 2019. (Monografias. Plantas Medicinais, 2).

ATHERTON, P. *Aloe vera* revisited. **The British Journal of Phytotherapy**, Brighton, v. 4, n. 4, p. 176-183, 1997.

BARBOSA FILHO, J.S. et al. Propriedades farmacológicas da *Aloe vera*: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, Itabira, v. 11, n. 3, p. e6311326062, fev. 2022.

CAPELLARI JR., L.; GUIMARÃES, N.S.N. **Guia de plantas medicinais e aromáticas em hortos comunitários**. Piracicaba: FEALQ, 2022. 184 p.

CENTRO DE PRODUÇÕES TÉCNICAS. **Saiba mais sobre plantio de babosa**. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-plantasmedicinais/artigos/saiba-mais-sobre-plantio-de-babosa>>. Acesso em: 15 out. 2024.

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DE ALAGOAS. **Especialista alerta a população sobre o consumo de produtos à base de *Aloe vera* para o emagrecimento**. 2019. Disponível em: <[https://www.crf-al.org.br/aloe-vera-ajuda-emagrecer/#:~:text=A%20babosa%20\(Aloe%20succotrina%20e,de%20hidratar%20cabelos%20e%20pele](https://www.crf-al.org.br/aloe-vera-ajuda-emagrecer/#:~:text=A%20babosa%20(Aloe%20succotrina%20e,de%20hidratar%20cabelos%20e%20pele)>. Acesso em: 01 set. 2024.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Aloe*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/plant/Aloe>>. Acesso em: 15 out. 2024.

FREITAS, V.S.; RODRIGUES, R.A.F.; GASPI, F.O.G. Propriedades farmacológicas da *Aloe vera* (L.) Burm.f. **Revista Brasileira de Plantas Medicinai**s, Campinas, v. 16, n. 2, p. 299-307, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpm/a/xVWmRtwnWBjLcSmMJKjcCc-N/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 out. 2024.

G1. **ANVISA proíbe bebidas e alimentos à base de *Aloe vera***. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/11/anvisa-proibe-bebidas-e-alimentos-base-de-aloe-vera.html>>. Acesso em: 15 out. 2024.

GOVAERTS, R. **World checklist of Xanthorrhoeaceae**. Richmond: Royal Botanic Gardens, 2017. Disponível em: <<http://apps.kew.org/wcsp/>>.

HALLER, J.S. A drug for all seasons medical and pharmacological history of *Aloe*. **Bulletin of the New York Academy of Medicine**, New York, v. 66, n. 6, p. 647-659, 1990.

INTERNATIONAL PLANT NAMES INDEX. <Disponível em: <<http://www.ipni.org> and <https://powo.science.kew.org/>>.

LOTHE, L.; IVARSSON, S.A.; LINDBERG, T. Motilin, vasoactive intestinal peptide and gastrin in infantile colic. **Acta Paediatrica Scandinavica**, Stockholm, v. 76, n. 2, p. 316-320, Mar. 1987. DOI: 10.1111/j.1651-2227.1987.tb10467.x.

ONLINE STRUCTURAL AND ANALYTICS BASED DATABASE FOR HERBS OF INDIA. **Details of *Aloe succotrina***. Disponível em: <<https://neist.res.in/osadhi/detail.php?name=Aloe+succotrina>>. Acesso em: 15 out. 2024.

PARENTE, L.M.L. et al. *Aloe vera*: características botânicas, fitoquímicas e terapêuticas. **Arte Médica Ampliada**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 160-164, 2013.

QUEIROGA, V.P. et al. *Aloe vera* (babosa): tecnologias de plantio em escala comercial para o semiárido e utilização. Campina Grande: AREPB, 2019. 152 p.

SOUTH AFRICAN NATIONAL BIODIVERSITY INSTITUTE. ***Aloe succotrina* Lam.** Disponível em: <<https://pza.sanbi.org/aloe-succotrina>>. Acesso em: 15 out. 2024.

TAVARES, J.C. **Plantas medicinais**: uso, orientações e precauções. 3. ed. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publ., 2018. 280 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. ***Aloe vera* (L.) Burm.f.** Disponível em: <<https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/aloe-vera-l-burm-f>>. Acesso em: 15 out. 2024.

VAN JAARSVELD, E. *Aloe succotrina* Lam. In: WALL, K. et al. ***Aloe succotrina***. 2001. Disponível em: <<https://pza.sanbi.org/aloe-succotrina>>. Acesso em: 01 set. 2024.

VELÁSQUEZ-ARENAS, R.; IMERY-BUIZA, J. Fenología reproductiva y anatomía floral de las plantas *Aloe vera* y *Aloe saponaria* (Aloaceae) en Cumaná, Venezuela. **Revista de Biología Tropical**, San José, v. 56, n. 3, p. 1109-1125, 2008.

WALKER, C.C. et al. **Flowering plants of Africa**: a peer-reviewed journal containing colour plates with descriptions of flowering plants of Africa and neighbouring islands. Pretoria: SANBI, 2015. v. 64, 172 p.

WIKIPÉDIA. ***Aloe vera***. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aloe_vera>. Acesso em: 15 out. 2024.

A Série Produtor Rural é editada desde 1997 pela Divisão de Biblioteca da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”/USP e tem como objetivo publicar textos acessíveis aos produtores com temas diversificados e informações práticas, contribuindo para a Extensão Rural.

Série Produtor Rural

USP/ESALQ/DIBD